QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE DESTACADAS PELOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS – 2024

Resumo - Nesse trabalho, apontamos brevemente alguns temas relativos à psicologia do esporte suscitados pelo acompanhamento do ciclo olímpico encerrado com os Jogos Olímpicos de Paris (2024). Discutimos questões relacionadas aos avanços tecnológicos e midiáticos e seus impactos nas condições de (re)adaptação e enfrentamento do atleta na lida com a competição e o alto rendimento. Mencionamos também a observação de atletas aparentemente muito motivados reagindo mal a experiências de frustração, derrota e indeterminação nas disputas olímpicas. O estudo problematiza ainda a desumanização do atleta diante da crescente mercantilização do esporte e propõe a necessidade de reconhecê-lo em sua dimensão subjetiva e humana. Destacamos, ao final, a relevância da psicoeducação na formação de atletas, a criticidade frente a proposições de senso comum e a importância da clareza e consistência conceitual na linguagem da psicologia do esporte. Por fim, enfatizamos o papel do psicólogo na sustentação da ambiguidade vivida pelo atleta em seu papel social e imaginário — especialmente tensionado pelas redes sociais, que ampliam formas de cobrança, idealização, pressão estética e violência simbólica.

Palavras-chave: atletas, Psicologia do Esporte, motivação, Jogos Olímpicos, mídia.

CONTEMPORARY ISSUES IN SPORTS PSYCHOLOGY HIGHLIGHTED BY OLYMPIC GAMES PARIS 2024

Abstract - This paper briefly addresses several themes related to sport psychology that emerged from monitoring the Olympic cycle culminating in the Paris 2024 Olympic Games. We discuss issues related to technological and media advances and their impacts on athletes' conditions of (re)adaptation and coping with competition and high performance. We also highlight the observation of athletes who, despite appearing highly motivated, react poorly to experiences of frustration, defeat, and uncertainty during Olympic contests. The study further problematizes the dehumanization of athletes amid the growing commodification of sport and proposes the need to recognize athletes in their subjective and human dimension. Finally, we emphasize the relevance of psychoeducation in athlete development, the critical stance toward common-sense assumptions, and the importance of clarity and conceptual consistency in the language of sport psychology. We conclude by underscoring the psychologist's role in sustaining the ambiguity experienced by athletes in their social and imaginary roles—especially intensified by social media, which amplifies multiple forms of demands, idealization, aesthetic pressure, and symbolic violence.

Keywords: athletes, Sport Psychology, motivation, Olympic Games, media.

CUESTIONES CONTEMPORÁNEAS DE LA PSICOLOGÍA DEL DEPORTE DESTACADAS EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE PARÍS 2024

Resumen - En este trabajo se señalan brevemente algunos temas relativos a la psicología del deporte suscitados por el seguimiento del ciclo olímpico que culminó con los Juegos Olímpicos de París 2024. Se discuten cuestiones relacionadas con los avances tecnológicos y mediáticos y sus impactos en las condiciones de (re)adaptación y afrontamiento de los atletas en la competencia y el alto rendimiento. También se menciona la observación de atletas que, a pesar de mostrarse muy motivados, reaccionan negativamente ante experiencias de frustración, derrota e incertidumbre en las competiciones olímpicas. El estudio problematiza además la deshumanización del atleta frente a la creciente mercantilización del deporte y propone la necesidad de reconocerlo en su dimensión subjetiva y humana. Finalmente, se destaca la relevancia de la psicoeducación en la formación de atletas, la postura crítica frente a las proposiciones de sentido común y la importancia de la claridad y consistencia conceptual en el lenguaje de la psicología del deporte. Por último, se enfatiza el papel del psicólogo en el sostenimiento de la ambigüedad vivida por el atleta en su papel social e imaginario, especialmente tensionado por las redes sociales, que amplifican múltiples formas de exigencias, idealización, presión estética y violencia simbólica.

Palabras-clave: atletas, Psicología del Deporte, motivación, Juegos Olímpicos, medios.

Lígia Silveira Frascareli

ligia.frascareli@alumni.usp.br

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v9.id215

Recebido: 16 mai 2025

Aceito: 5 ago 2025

Publicado: 31 ago 2025

Os Jogos Olímpicos no mundo pós pandemia

Para os envolvidos diretamente com o esporte de alto rendimento, o encerramento de um ciclo olímpico configura um momento fundamental, em que a observação intensa dos Jogos – em seu caráter esportivo e cultural – e dos atletas – para além unicamente de seus desempenhos – dispara reflexões e situa o mundo esportivo no tempo/espaço histórico em que se encontra, marcando as evoluções, os impasses e os novos desafios do campo esportivo como um todo.

Semelhante visada se dá com a psicologia do esporte. Compartilhamos a compreensão de que o indivíduo é o componente de maior sensibilidade em dada estrutura sociocultural, sendo ao mesmo tempo promotor e o elemento mais vulnerável frente às mudanças sociais e seus efeitos, ou seja, sendo agente de seu mundo próprio no interior de contextos específicos, ao mesmo tempo em que é influenciado e transformado por ele[1]. Assim, o atleta é o elemento que vivencia mais frontalmente as condições inusitadas de ser e estar em situações dinâmicas competitivas cujos processos de transformação não cessam. Enquanto área componente das ciências do esporte, a psicologia acompanha esse fluxo, que coloca novas questões e provoca os pesquisadores ao pensamento e a construção de novos problemas, além de modos diversos de atuação.

Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 tiveram a característica especial de retomar a participação do público após Tóquio 2020/2021 e, por este motivo, podemos ver neles um caráter de celebração no mundo pós pandemia. Naquele momento de confinamento, imposto pelo risco da doença e pela calamidade dos sistemas de saúde, com o concomitante adiamento dos Jogos, foi possível observar, com amplitude global, quão rápido o tecido de realidade comum pode ser abalado por eventos de grande impacto, colocando em questão mesmo as esferas mais básicas da experiência humana diante das forças sociais e estruturas de poder que disputam narrativas[2-3], e quão rapidamente podemos ser obrigados a nos relacionar e adaptar a situações novas e incertas. Tal condição, que afetou a todos de alguma forma, tornou muito mais palpável, visceral e iminente o que costumamos chamar, em psicologia, de ‘traumático’: elemento advindo do real que chega a nós com tal força e de tal modo que as estruturas de que dispomos para lidar com o que chega não são mais suficientes, sofrendo fissuras, disfunções, quebras, dilaceramentos, e nos vemos despojados de formas de funcionamento e enfrentamento que até então eram bem sucedidas em nosso manejo com o mundo[4].

O atleta é típica e especificamente um sujeito marcado pela vivência da rotina, pela preparação disciplinada e pelos projetos de médio e longo prazo que solicitam ambientes estáveis, além de uma configuração de mundo que contenha algum grau de previsibilidade, nos quais se pode ao menos planejar os próximos anos, o próximo ciclo competitivo e, no altíssimo rendimento, o ciclo olímpico. Não apenas uma ocorrência como a pandemia, mas todas as instabilidades climáticas, geopolíticas e financeiras do mundo atual tornam o alcance de tal previsibilidade e estabilidade algo cada vez mais difícil de experimentar. A insegurança de um mundo em transformação somada ao projeto de ser atleta, que quase sempre já é marcado por grandes dificuldades, dúvidas, desistências, indeterminações, lesões, conflitos internos ou externos, ou seja, por suas próprias instabilidades e dificuldades, pode criar condição propícia ao desenvolvimento de quadros mais severos de sofrimento mental e mesmo de adoecimento.

Para além desse acontecimento recente de nossa história global (pandemia de Covid), observamos nos Jogos de Paris os impactos das novas tecnologias, das novas regras (por exemplo no judô), a inserção de novas modalidades que desafiam a lógica competitiva de comparação objetiva de desempenhos *stricto sensu* (por exemplo o *break dance*), entre outras mudanças na dinâmica do evento.

Sobre aspectos mais propriamente psicológicos, continuamos observando, na mesma direção de mais pesquisadores, que a promoção de saúde mental não é parte integrante das estruturas de cuidado ao atleta no esporte competitivo[5]. Observamos três situações particulares nos Jogos Olímpicos de Paris, as quais procuramos discutir com mais profundidade neste trabalho. A primeira delas trata da condição ainda recente e por vezes mal estruturada do atleta lidar com a exposição imediata aos torcedores não presenciais, por meio das redes sociais, e a potência de tais ferramentas no crescimento de popularidade e ganhos financeiros, bem como no aumento da pressão competitiva e na exacerbação da comoção diante dos resultados e acontecimentos esportivos. Um segundo ponto se refere a uma notável modificação discursiva de alguns atletas em direção a uma suposta alta motivação, inclusive ultrapassando em certa medida a razoabilidade (por exemplo, uma atleta[*] em sua primeira participação nos Jogos e sem chances de medalha dizendo em entrevista não haver diferença entre ela e sua adversária mais expressiva, já

[*]Como não nos cabe apontar atletas individualmente, inclusive por questões éticas, não mencionaremos nomes ou modalidades, nos atendo apenas às situações observadas no decorrer dos jogos e aqui descritas.

multimedalista olímpica), quer pela dificuldade intensa de vivência e apropriação das experiências de derrota (tal como uma atleta de excelência e já bastante experiente que reagiu extremamente mal a uma derrota na disputa pela medalha de ouro).

Como terceiro aspecto, situamos o ganho de espaço imaginário e simbólico que as dimensões mais humanas dos atletas vem conquistando, com o atleta apropriando-se do protagonismo de seu fazer competitivo e dando a ver de forma mais integrada suas fragilidades e angústias. O imaginário esportivo constrói e reforça narrativamente o atleta de alto rendimento como herói moderno, destacando seus feitos de superação, sacrifício e excelência, o que reflete valores culturais e sociais que reforçam a ideia de excepcionalidade e inspiração coletiva, moldam a identidade dos atletas e influenciam a percepção pública do esporte[6].

No entanto, vem ganhando maior relevância a percepção dos atletas como seres humanos menos idealizados e mais afetados pela realidade coletiva, pelas inseguranças e pelas oscilações do mundo esportivo, assim como igualmente incluídos nas dinâmicas modernas de exposição midiática e suas consequências. Porém, diante do mundo da técnica e da expectativa sempre presente de que atletas de alto rendimento se comportem como máquinas, bem como da pressão financeira por resultados, essa dimensão mais humanizada encontra-se em questionamento e disputa permanente.

O objetivo deste artigo é discorrer sobre os aspectos acima mencionados de maneira compreensiva, valendo-se de estudos qualitativos em psicologia do esporte, bem como apontar, a partir dessas reflexões, questões sobre o fazer do psicólogo do esporte na atualidade, de modo a atravessar com os atletas alguns de seus desafios de maneira mais apropriada e ética.

Mídias sociais e o atleta

A ascensão das tecnologias e das mídias sociais vem transformando rapidamente a forma como os atletas se relacionam com o público e com seus próprios desempenhos. A forte interferência midiática, a utilização das redes sociais de forma excessiva e por vezes inadequada e a exposição cada vez maior e mais desordenada dos atletas são consequências diretas desta ascensão[7]. Enquanto essas plataformas oferecem uma oportunidade sem precedentes para a interação e o engajamento, elas também expõem os

atletas a um ambiente de intensa exposição, pressão e críticas, ou mesmo crimes de ódio, agora sem nenhuma mediação.

Estudos recentes têm de fato demonstrado que o uso de mídias sociais por atletas tem relação com o agravamento de sintomas relacionados à imagem corporal, níveis de estresse, qualidade do sono e desempenho esportivo[8]. Diante das exigências psicológicas e fisiológicas inerentes à prática esportiva, é plausível considerar que questões de saúde mental podem ser potencialmente agravadas pelo uso contínuo e intenso das mídias sociais.

A violência virtual, manifestada através de xingamentos, comentários maldosos e críticas cruéis, se tornou uma realidade cotidiana para muitos esportistas (bem como outras celebridades e mesmo pessoas comuns que por algum motivo encontrem-se expostas nas redes sociais), colocando-lhes em risco a saúde mental, o bem-estar e mesmo oferecendo riscos quanto a continuidade do projeto como atleta, pela dimensão que podem tomar os movimentos provenientes da "cultura do cancelamento". Nela, indivíduos ou grupos são alvo de boicotes ou ostracismo nas redes sociais devido a comportamentos ou opiniões considerados ofensivos ou inadequados[9]. Esse processo, também denominado 'linchamento virtual' por alguns críticos, envolve a exclusão social de pessoas que cometeram ações vistas como moralmente condenáveis. Tal cancelamento como forma de reação negativa dos meios virtuais ao atleta geralmente se dá sem correlação com o desempenho propriamente dito, mas por conta de alguma associação com temas específicos, declaração ou fato no qual o atleta possa estar envolvido.

Especificamente sobre as redes sociais, um estudo identifica os principais tipos de conteúdo que influenciam o engajamento do público, incluindo 'Performance Atlética', 'Aparência Atraente', e 'Estilo de Vida Comercializável'. Os resultados mostram que postagens sobre a performance atlética geram mais engajamento do que outros tipos de conteúdo. Além disso, fotos de alta qualidade e postagens com companheiros de equipe também aumentam o engajamento, enquanto o uso de *hashtags* diminui a interação[10]. Essa vigilância constante do que se publica nas redes e o desejo de atender às expectativas de 'seguidores' ou do público em geral, agora muito mais próximo, além das marcas patrocinadoras, clubes e configurações micro ou macropolíticas, intensifica a cobrança por resultados, podendo criar ciclos de hiper motivação e ansiedade, de autovalorização

narcísica e consequente insegurança, com impactos diretos quer nos níveis de desempenho esportivo, quer na vida pessoal e familiar dos atletas.

Vemos aí um impasse, uma vez que a elaboração dos afetos não é um processo instantâneo, especialmente os mais ligados ao sofrimento e a repressão de experiências difíceis. Tendemos a repetir comportamentos e emoções do passado, sendo a elaboração um trabalho gradual de trazer esses padrões repetitivos à consciência, para que possam ser compreendidos e integrados[11]. O descompasso se dá no interior desse sujeito-atleta, vivendo no presente com toda a turbulência e com toda a instantaneidade das notícias e comentários na internet, e as questões afetivas que ele carrega enquanto sujeito de toda uma história, as quais ficam sem tempo nem espaço para elaboração.

O esporte é premente de eventos desse tipo, que demandam tempo, que demandam amadurecimento, trabalho psíquico, inclusive trabalho narrativo, nos quais o sujeito precisa ter uma condição de 'se contar' para se ouvir, para se reconhecer e compreender aquilo que viveu. Em Rúbio[12], observamos que muitos anos depois de encerrada a prática esportiva, os atletas ainda contam sobre eventos que deixaram verdadeiras feridas abertas, narrando a vivência de situações que pedem por cuidado e elaboração mesmo decorridos muitos anos.

Porém, no tempo da internet, uma derrota ou um mal desempenho implica vídeos viralizados e milhares de comentários críticos no espaço de pouquíssimos minutos. Não há tempo algum de elaboração antes que o espelho social, agora representado por uma tela preta sempre ao alcance das mãos, chegue ao sujeito com uma enxurrada de interações sem qualquer filtro e qualquer cuidado. Esse é um ponto muito relevante para a psicologia em geral e para a psicologia do esporte em particular, pela brevidade e intensidade da carreira esportiva, e pela grande quantidade de 'desencontros' e desafios que o atleta terá de suportar rumo ao alto desempenho: como fazer um manejo adequado dos afetos nesse cenário/contexto, preservando o atleta ao mesmo tempo em que não se faz possível o isolamento? Treinamento de mídia, assessoria especializada e mesmo cuidado psicológico constante compõe uma realidade distante das possibilidades da maioria dos atletas brasileiros. Fica então o questionamento de como preparar e proteger os atletas, especialmente mais imaturos ou iniciantes, dos efeitos deletérios desse cenário virtual cujos efeitos são absoluta e imediatamente reais.

Motivação e reações de choque diante da frustração

Tanto nos Jogos Olímpicos de Tóquio quanto na última edição em Paris, podemos apontar que assistimos, para além das atividades competitivas, o enfraquecimento, em certa medida, do ideário do atleta como modelo do homem estritamente disciplinar, autocentrado e autocontrolado, 'senhor de si', da abdicação, da aceitação do destino e das limitações, e assistimos ao estabelecimento do sujeito mais típico do desempenho, conforme define Han[13]. Tal sujeito, de acordo com o autor, traz algumas particularidades, tais como a impossibilidade de reconhecimento dos próprios limites, como sujeito mais afeito aos excessos, mais individualista e mais narcisista. Entendemos que, do ponto de vista sociológico, esse processo é generalizado no ocidente pós-moderno, mas com o atleta, que já vive nessa perspectiva de hiperexposição e centralidade do desempenho na experiência da vida, faz-se necessária a reflexão de que dimensão tal fenômeno pode alcançar. Argumentamos que, não raro, pode-se rapidamente entrar no campo do sofrimento mental propriamente dito, da imprudência, da perda de si no processo do desempenho, no subjugamento da humanidade do atleta ao seu esporte e aos seus resultados, e no risco de total esfacelamento pessoal quando o projeto esportivo não produz o retorno esperado.

Pisamos aqui em terreno perigoso, que é o da transformação das múltiplas formas de sofrimento – que fazem parte da vida e da carreira do atleta, e das variadas dimensões do mal-estar contemporâneo – em doença. O risco estabelecido é que no âmbito esportivo ocorra o que já se estabelece como regra fora dele: o de abandono da gramática das experiências complexas e desafiadores, porém humanas e integrantes do nosso tempo e cultura, para a adesão desavisada à gramática dos múltiplos diagnósticos de transtornos mentais[14], nomeações muitas vezes temerárias.

Pensando no funcionamento mental a partir da condição do sujeito-atleta em seu funcionamento dinâmico, podemos encontrar uma verdadeira cisão entre sua positividade, seus bons resultados, sua potência física propriamente dita, sua motivação e disposição ao risco e ao cansaço – e sua dimensão temerosa, angustiada, desconectada de si e, por vezes, de fato adoecida.

Entendemos que há claramente um ganho defensivo quando se faz possível delimitar o sofrimento como algo externo a si, situando aquilo que 'não vai bem' como uma disfunção pontual passível de cura médica. O mal-estar se torna estrangeiro, algo a

ser tratado para que não esteja mais presente, algo que não faz parte da experiência ou do modo de ser do atleta, nem de suas formas de responder às situações com um todo.

No entanto, por outro lado, tratar aspectos de si e da própria experiência como externos, estranhos a si, traz séria implicação para qualquer proposta de intervenção psicológica, pois o sujeito aqui adota uma visada externa ao que lhe acontece, a qual não integra no reconhecimento próprio, sentido que aquilo não lhe diz respeito. Ao se relacionar com sua subjetividade de modo semelhante ao que se relacionaria com um cálculo renal, esse sujeito se perde na convocação de *conhecer-se e dizer de si*: o sujeito da fala e do tratamento propriamente dito se faz ausente, e ao encontrarmos tal cenário na clínica psicológica, estamos diante de prognósticos desfavoráveis[15].

Nos Jogos de Paris, observamos atletas que, em tese, se apresentavam altamente motivados (porém cabe uma indicação à necessidade de revisitar as teorias motivacionais formuladas até o início dos anos 2000, questionando sua atual aderência aos fenômenos que pretendem explicar), e sabemos que essa motivação intensa é fundamental, considerando o investimento exigido de um atleta de alto rendimento em seu percurso competitivo. No entanto, esse excesso motivacional, também expõe o sujeito, de forma ainda mais aguda, às experiências de negatividade: o confronto com os limites, a potência do adversário, a falha, a finitude da carreira, a derrota e, de maneira mais ampla, as vivências de frustração e indeterminação. Assistimos a isso em várias disputas, e optamos por não citar nominalmente os atletas e as cenas por eles protagonizadas especialmente por questões éticas.

O que podemos descrever é que as cenas vistas se davam como se, de forma próxima ao funcionamento delirante, os atletas não incluíssem em seu campo de expectativas e em seu repertório a possibilidade da derrota ou de não alcançarem uma medalha olímpica, ou mesmo um bom resultado. Daí a reação de choque diante de resultados negativos, que pareciam ser algo impensável, totalmente inesperado e intolerável, sem ancoragem na experiência atlética prévia.

No entanto, o desempenho abaixo do esperado, ou a derrota diante do oponente que foi o melhor naquela ocasião é algo absolutamente cotidiano para o atleta de alto desempenho. Fica o questionamento: em que ponto a experiência está sendo fraturada e esses atletas, mostrando verdadeiro desespero diante de seus resultados (cabe mencionar, alguns ótimos resultados), relegam ao esquecimento a dimensão mais constituinte da

competição – que é disputa em si, sempre aberta, sempre indeterminada – em nome de uma forma de motivação desconectada da realidade, empobrecida, narcísica e, talvez, francamente adoecida. É tarefa da psicologia apresentar ou relembrar aos sujeitos suas fronteiras, justamente para que não seja preciso se encontrar com seus abismos.

Condição humana, desumanização no esporte e os Jogos

Falar em humanização no esporte deveria fazer pouco sentido, uma vez que o esporte é uma expressão cultural humana por excelência. O termo "humanização" tem sido amplamente utilizado para descrever práticas que buscam maior respeito à dignidade, ao bem-estar e à autonomia das pessoas envolvidas. Essa tendência reflete um movimento em direção a práticas que valorizam a empatia e a ética nas interações humanas e nas instituições.[16]

Esse termo aparece também em muitas outras esferas de atuação no mundo do trabalho, compondo expressões curiosas: ‘parto humanizado’, ‘atendimento ao cliente humanizado’, ‘educação humanizada’, ‘arquitetura humanizada’, ‘cuidados de fim da vida humanizados’, ‘justiça humanizada’. Se hoje tantas práticas solicitam essa espécie de sobrenome, trata-se de um fenômeno que revela algo da atualidade: ainda que falem de modalidades de relacionamentos entre humanos, é preciso nomeá-las como tal, pois o caráter humano não se apresenta mais como óbvio. O problema da não reflexão sobre os termos que usamos, tal como humanização, é normalizar e normatizar essas práticas tanto quanto foi possível naturalizar as práticas que hoje vemos como ‘desumanizadas’. Justamente nessa medida, se faz importante refletir sobre uma forma de atuar em psicologia do esporte que busque humanizar o atleta, pois em algum ponto da trajetória – do esporte grego clássico ao esporte atual – parece ter acontecido com o atleta o mesmo processo ou efeito de desumanização, que entendemos ter se estabelecido em definitivo com o advento da profissionalização[17].

E em que consistiria a desumanização do atleta? Levantamos aqui três condições relevantes para a compreensão de tal fenômeno, que pudemos observar com clara evidência no Jogos de Paris:

- A venda da força de trabalho (a cada ciclo olímpico fica mais óbvia a participação de patrocinadores não apenas na realização dos Jogos, mas na consolidação e

manutenção dos times nacionais e na própria formação de atletas olímpicos, contratados desde crianças – como vimos nos jovens atletas do skate, p.ex.)

- A associação a produto(s) e a transformação também do atleta em um produto que pode ser negociado (pela primeira vez na história tivemos a propaganda de uma marca específica já presente na cerimônia de abertura dos Jogos);
- O enfraquecimento do caráter de celebração entre os povos e do esporte como manifestação simbólica da competição, da disputa, do lúdico, da busca da excelência como valor, que difere da busca unicamente da vitória, e uma adesão mais irrestrita à lógica do rendimento propriamente dito (fenômeno progressivo desde o início da participação de atletas profissionais nos Jogos).

Em uma visada mais própria à filosofia existencialista, temos que essas características do esporte e da condição do atleta moderno afetam sua própria condição humana em algumas dimensões, a saber: na dimensão temporal, relacional, narrativa e em sua indeterminação constitutiva.

O ser humano é um ser temporal, a um só tempo constituído e atravessado por uma temporalidade que, ao mesmo tempo em que o molda, continuamente lhe escapa[18]. Ela se manifesta tanto em tempos longos – como o período de formação de um atleta, a sucessão de repetições que fundamenta a aprendizagem e a aquisição de movimentos de alta complexidade, ou mesmo o tempo de duração de uma carreira esportiva, que frequentemente se revela curta em comparação ao tempo de vida – quanto em tempos curtos – como o tempo necessário à recuperação física durante os ciclos de treinamento, à reabilitação de uma lesão, à elaboração psíquica de um resultado muito importante ou insatisfatório, a construção de vínculos interpessoais entre atletas, técnicos e equipes *etc*.

No entanto, quando consideramos o comprometimento do tempo do atleta à lógica de mercado, essa dimensão temporal se complexifica, e a experiência do atleta de alto rendimento não pode mais ser compreendida de forma dissociada da tensão entre o tempo orgânico e subjetivo e o tempo instrumentalizado e acelerado imposto pelas demandas do esporte-espetáculo. Essa tensão não apenas estrutura a trajetória esportiva, mas também incide diretamente sobre o modo como o atleta se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o próprio sentido de sua prática.

Observamos que no atleta essas temporalidades próprias ficam em questão quanto à legitimidade: continuam a existir e marcar a experiência humana, dado que são

condições dela, mas se tornam fonte de angústia, de conflito, de impaciência, sinônimo de incapacidade, de falta de talento, de dificuldades pessoais, de pouco esforço, de fraqueza e de impotência.

Ao se tentar encurtar ou adequar essas dimensões próprias ao existir temporal do atleta ao tempo de produção rápida e precoce do *produto atleta*, ao tempo do espetáculo, ao tempo do drama jornalístico, em resumo, ao instante daquilo que possa virar notícia ou lucro imediatos, o que vemos é a formação e a carreira dos atletas se transformarem, de fato, em uma grande 'peneira', para usarmos um termo bastante comum no esporte. Aqui usamos o termo remetendo à situação em que, para se adaptar a condições cada vez mais estreitas e em tempos cada vez mais breves, o atleta tem que tirar algo de si, renunciar a si, permitir que algo se faça dele a cada vez mais – para poder estar em lugares cada vez mais estreitos e em momentos cada vez mais instáveis.

Aqui, o tempo que se torna 'inimigo' do atleta não é só o tempo do cronômetro contra o qual vive disputando milésimos, mas o tempo que o obriga a 'agilizar' tudo para se adequar ao tempo volátil do capital, e que continua funcionando, independente de que ou de quem se adapte a ele (ou não). Assistimos em Paris (bem como em Tóquio) atletas extremamente jovens já com longas carreiras esportivas, e fica o questionamento em que momento dessas vidas em fases iniciais se deram esses tempos (da aprendizagem, da consciência de si e do próprio papel, das elaborações necessárias ao papel que ocupam e à exposição que são submetidos). Se nos anos 80 a URSS chocava o mundo com atletas ginastas com idade e corpos de criança fazendo movimentos impensáveis e perigosos, e tal fenômeno era visto como sinal inegável dos abusos e violências do estado comunista pelo mundo ocidental, em Paris não nos pareceu haver choque algum ao assistirmos crianças voando (e caindo) em manobras arriscadas com seus *skates*, e aos prantos após suas disputas.

Uma segunda dimensão humana que podemos supor em desconfiguração nesse contexto é a dimensão relacional, por meio da instrumentalização dessas relações com um direcionamento exclusivamente voltado ao desempenho.

O atleta é atleta sempre com outros, seus técnicos, seus colegas, seus adversários, com as diretrizes políticas, históricas e regulatórias que delimitam sua modalidade esportiva, com a torcida, com os árbitros etc. Ele *é* suas situações vividas, suas situações

de mundo. Como todos nós, ele se constitui com outros, por outros, contra outros, pois somos seres essencialmente sociais e relacionais.

Observamos, no entanto, que essa dimensão se vê precarizada e posta em segundo plano, dado que o desempenho e as narrativas vitoriosas (e lucrativas) assumem um lugar central no fenômeno esportivo. Nos vem à percepção uma certa 'absolutização narcísica' dos discursos, nos quais tudo está em função da presença ou ausência de talento individual, de garra individual, de esforço individual, apagando-se justamente a dimensão de que ninguém chega a absolutamente lugar algum sem uma complexa teia de relações humanas que lhes dê suporte, possibilidades e reconhecimento, sendo essa a condição da existência humana por princípio[19]. Não por acaso o atleta se torna tão facilmente exemplo e alvo dos discursos mais francamente distorcidos a que assistimos na atualidade, vinculados aos discursos de meritocracia individualista.

Uma terceira dimensão humana que se vê em questionamento a partir desse processo de desumanização do atleta é a condição de indeterminação constitucional do ser humano e imponderabilidade da vida, ou seja, da absoluta incapacidade humana de controlar todos os aspectos de seus corpos e resultados, por mais que se busque tal controle. Essa dimensão da condição humana diz respeito àquilo que acontece a nós porque simplesmente estamos submetidos a variabilidades e não é possível ter controle e eficiência sobre todas as coisas. Tal dimensão nos remete ao fato de que o sofrimento, o sofrer no sentido amplo do termo (no sentido de *páthos*, que significa *passar por*), por vezes, é inevitável. No entanto, no esporte assistimos a derrota ser retirada do campo do resultado possível e ser transportada discursiva e emocionalmente para o lugar decorrente do erro, da falta, da incapacidade, do pouco esforço (desmotivação), e em última instância, do problema psicológico (doença). Negar a dimensão do incontrolável, tratá-la como mera contingência, como passível de ser posta em território do domínio humano, é equivalente a negar um elemento existencial crucial da condição humana, e se mostra como uma distorção da própria existência[20].

Como quarta dimensão humana colocada em questão na desumanização do atleta situamos a dimensão narrativa da vida: o que se perde na transformação do atleta em um produto também é a noção de que o que acontece a alguém é também aquilo que é vivido por alguém: como é vivido, como é entendido posteriormente, como é contado e como é ressignificado ao longo da vida. A narrativa midiática, as múltiplas linguagens da internet

(com simbologia compreendida apenas por grupos determinados), o falatório dos torcedores e outras formas à disposição dos discursos produzem versões próprias dos acontecimentos nas quais o atleta muito facilmente e muito imediatamente pode se perder, distanciando-se do protagonismo daquilo que faz, se transformando em personagem de narrativas que não são as suas.

No trabalho de Smith[21] encontramos elementos sobre a experiência do expectador, apontando como nossas reações aos eventos esportivos definem toda uma cultura de sentidos e significados atribuídos por fãs, narradores e especialistas, havendo certa 'autoridade' tacitamente aceita que vem dessa economia de discursos produzidos e, de certa forma, policiados pelos envolvidos no esporte como expectadores. Aponta como as falas relativas ao esporte não se propõem questionamentos, mas fazem declarações em forma de reivindicação em defesa de uma suposta verdade, criando narrativas míticas ou culpabilizadoras, que buscam ocultar as contingências (acasos) que por tantas vezes definem os resultados esportivos. O autor nos relembra que, partindo de reflexões mais filosóficas, a verdade não é apenas uma correspondência, mas antes um tipo de relação entre a declaração e a coisa de que se fala. Discorre sobre a ideia de "conversa fiada", que vemos quase sempre nas transmissões esportivas, como uma das formas nas quais o ser vive na inverdade (as outras, a saber, são a curiosidade e a ambiguidade), apontando suas principais características:

- A impessoalidade e o desenraizamento;
- A falta de implicação com o dito;
- A tendência a ocultar o objeto mais do que o mostrar e a acobertar a forma dos seres/fatos/coisas se mostrarem por si mesmos.

O autor aponta ainda como a 'conversa fiada', como a denomina, transforma a compreensão média do expectador em um processo de sedimentação que vai se acumulando a tal ponto que não se pode mais chegar a verdade dos fatos; dessa forma, 'caímos' de tal forma nesse modo de comunicação que são essas ideias circulantes que passam a determinar o que é visto e como é visto – que no esporte cria expectativas complexas e um modo particular de experimentar as disputas. O estudo usa como exemplo a ideia enganosa de "lance decisivo" em um jogo, como se apenas um lance tivesse a possibilidade de determinar resultados, ou como se um momento do jogo tivesse mais relevância que os outros, pelo simples motivo de estar mais próximos ao desfecho

do resultado (perder o último chute a gol, por exemplo, como sendo mais decisivo que todos os outros chutes a gol realizados no jogo e que poderiam igualmente determinar o resultado da partida).

Essa exposição já nos chama a atenção ao ponto de vista daqueles que acompanham o esporte 'de fora', distantes da prática propriamente dita, mas problematizamos aqui que muitas vezes é o próprio atleta o propagador de tais formas discursivas de entender o que faz e criar informações, fazendo de si mesmo experiências de despersonificação e distanciamento da realidade bastante descuidados e danosos.

Optamos por mencionar tais aspectos que nos saltaram aos olhos a partir das disputas esportivas na última edição dos Jogos Olímpicos motivados pela percepção de que nas psicologias que se propõem mais estritamente científicas, vemos uma ciência que não vai ao amparo dessas facetas da condição humana (que vão se diluindo no modo desumano de tratar o atleta), mas vão ao encontro de formas de 'conserto', de remediação, de sempre achar modos de incutir um pouco mais de esforço e motivação. Não se direcionam à compreensão e ao reconhecimento das múltiplas possibilidades de ser e de acontecer do mundo esportivo e do atleta neste mundo, demonstrando tendência à busca do controle e da eficácia, por vezes marcadas por uma completa absorção em discursos de desempenho, agora de suas próprias técnicas.

Conclusão – o (novo?) fazer do psicólogo e lugar da psicologia no esporte

Compreende-se que a psicologia do esporte não pode dissociar-se da configuração mercantilizada que caracteriza o esporte contemporâneo, tampouco da condição existencial do atleta moderno. Simultaneamente, a psicologia deixou de ocupar uma posição periférica na preparação esportiva para assumir um papel central e indispensável. Se outrora era considerada um recurso suplementar ou um "diferencial competitivo", hoje é reconhecida como elemento essencial, integrando-se de modo indissociável ao universo esportivo e às múltiplas dimensões da vida dos atletas, tanto no âmbito da prática esportiva quanto em suas experiências pessoais.

Observamos, já há alguns anos, uma ampliação do repertório discursivo dos próprios atletas: muitos deles apropriam-se de conceitos, nomenclaturas e categorias da psicologia, demonstrando crescente interesse e familiaridade com um modo reflexivo de

autoconhecimento. Assim, as esferas do desempenho atlético e do saber psicológico moderno encontram-se, atualmente, mais entrelaçadas do que jamais estiveram.

Vemos também que o sujeito do alto rendimento contemporâneo pertence, em muitos casos, à primeira ou segunda geração de atletas que se desenvolveram já imersos em contextos nos quais a psicologia do esporte desempenha um papel constitutivo. No processo de tornar-se atleta, esses sujeitos não apenas incorporaram aprendizagens técnico-táticas e físicas, mas também passaram por percursos de assimilação de conhecimentos e práticas psicológicas. Mesmo antes da formalização desse acompanhamento psicológico, sabemos que tais aspectos já se fazem presentes de maneira intuitiva e experiencial no próprio percurso de modelagem física e técnica exigida do atleta, em um contínuo processo de autoconhecimento, aliado à elaboração espontânea de estratégias de enfrentamento, resiliência, manejo da dor, superação do tédio, entre outros mecanismos psíquicos.

Atualmente, além desses processos 'endógenos' ao desenvolvimento, o atleta tem acesso explícito ao arcabouço conceitual da psicologia – disseminado tanto por meio da atuação de profissionais quanto pela incorporação de suas categorias e diagnósticos ao senso comum. Acreditamos que essa realidade provoca o psicólogo do esporte à busca de refinamento de suas formas de escuta e intervenção, sendo capaz de, em diálogo com o atleta, identificar o que já é funcional e internalizado, distinguindo-o de crenças equivocadas ou de formulações imprecisas e prejudiciais. Torna-se igualmente importante o papel de esclarecimento de dúvidas, desmistificação de concepções infundadas acerca da psicologia e de suas intervenções, a desconstrução de pseudodiagnósticos, de discursos fantasiosos ou mesmo de caráter maníaco/perverso relativos a desempenho, limites, foco, determinação e sucesso.

Mais do que a simples aplicação de técnicas, apontamos que a atuação contemporânea do psicólogo do esporte demanda elementos novos, tais como a oferta de esclarecimento conceitual e dos limites dos diagnósticos, a promoção de práticas de autocuidado, o manejo da autoexposição, o incentivo ao pensamento crítico acerca da condição atlética contemporânea e a facilitação de estratégias de autoproteção e enfrentamento seguro aos desafios que permeiam a trajetória esportiva.

No que se refere às categorias de base, compreendemos ser imprescindível que a psicoeducação constitua um dos pilares do trabalho com jovens atletas. Tal abordagem

visa fomentar a capacidade do atleta de articular discursos sobre si mesmo, identificar características pessoais, reconhecer dificuldades e desenvolver uma percepção refinada de suas singularidades. Trata-se, aqui, da construção de um repertório discursivo em conjunto com o repertório corporal que permita ao sujeito elaborar gramáticas de reconhecimento tanto de sua posição na dinâmica esportiva quanto de sua relação consigo mesmo.

Outro ponto sensível refere-se à necessidade de superar discursos que postulam uma relação causal direta e simplista entre saúde mental (ou bem-estar psicológico) e desempenho esportivo – seja no sentido positivo (boa saúde mental assegurando bom desempenho), seja no sentido inverso (mau desempenho sendo decorrente de 'problemas psicológicos'). O corpo de conhecimento acumulado pela psicologia já permite identificar a falácia ideológica subjacente a essa pretensa correlação causal. Tal inferência baseia-se, em última instância, em um processo de idealização teórica análoga ao mecanismo de defesa da idealização descrito por Freud: retira-se o objeto de sua complexidade concreta e eleva-o a uma abstração que só admite elementos que confirmem suas bases explicativas, anulando evidências contrárias.

Já foi apontado, por exemplo, que a dedicação extrema a uma atividade física, a escolha pela inserção em circuitos competitivos de alto rendimento e a exposição constante a diferentes formas de excesso constituem, simultaneamente, modalidades eficazes de obtenção de reconhecimento e formas potencialmente problemáticas de fuga, inautenticidade e refúgio identitário para o atleta[22]. Por outro lado, a dificuldade de adaptação a condições injustas, imorais ou violentas de participação esportiva – ainda que ocasionem desempenhos aquém do esperado – pode ser indicativa de um sujeito que, em alguma medida, manteve-se alinhado a si mesmo, recusando a se submeter integralmente às exigências físicas e psíquicas do esporte e do ganho à qualquer custo.

Associar desempenhos a condições mentais de forma apressada e descontextualizada não é apenas epistemologicamente frágil e eticamente questionável; trata-se de uma redução indevida de fenômenos complexos e estruturais, tanto do sujeito quanto de seu entorno, a afirmações simplistas que frequentemente vão ao encontro de discursos de culpabilização. A suposta linearidade causal defendida por tais discursos revela-se não apenas ingênua e inconsistente, mas uma expressão de impropriedade profissional.

Chegamos, assim, à questão das práticas e discursos da própria psicologia do esporte. Nenhuma prática emerge de forma descolada da sociedade que a produz nem do regime discursivo que a sustenta[23]. Basta recordar que, há poucas décadas, o ideal de atleta era representado por figuras como Alexander Popov, expoente da natação russa nas provas de velocidade nos Jogos Olímpicos de Barcelona-1992, conhecido pelo apelido de 'homem de gelo' – símbolo de frieza e controle emocional. Em contraste, testemunhamos em 2008 a vitória de Cesar Cielo, campeão da mesma prova – 50 metros nado livre – cuja performance foi acompanhada por manifestações emocionais marcadamente efusivas. Desde então, observamos nos atletas flutuações comportamentais que transitam entre expressões de emotividade sincera (por vezes descontrolada) e modos de funcionamento mediados por estratégias de *media training* – fenômeno presente mesmo entre atletas de nacionalidades e culturas tradicionalmente associadas à manutenção de decoro e protocolos formais.

Para que possamos acompanhá-las, essas transformações paradigmáticas, rápidas e impactantes exigem revisões amplas e consistentes das teorias psicológicas que embasam as práticas da área. Contudo, não é esse o cenário que parece se configurar: o ritmo da produção acadêmica de qualidade e da reflexão propriamente dita mostram-se, por vezes, insuficientes para acompanhar a velocidade das mudanças em curso no universo esportivo, e os ciclos olímpicos podem estar se tornando demasiadamente curtos para a compreensão de tantos e tão variados fenômenos.

Referências

1 Giddens A. Sociology. Cambridge: Polity Press; 2009.
2 Branco-Pereira A. Alucinando uma pandemia: ensaio sobre as disputas pela realidade da Covid-19. Horiz. Antropol, 27(59), 2021.
3 Lyotard JF. A condição pós-moderna: uma investigação sobre o saber. São Paulo: José Olympio; 2009.
4 Freud S. Além do princípio do prazer (1920) In: Freud S. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
5 Schorb, A., Häfelinger, U., Pesicka, M., Kohl, S., Karus, F., Kaiser, A., Schiepek, G., & Aichhorn, W. Promoting mental health for optimal performance in sports. Sports Psychiatry: Journal of Sports and Exercise Psychiatry. 2025.
6 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
7 Verzani RH. Novas mídias sociais, atletas e o coping: relações impertinentes [tese]. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, Departamento de Biociências; 2017.
8 Merrill, S.; Faustin, M. Likes and hashtags: Influence of athlete social media use.

Sports Psychiatry: Journal of Sports and Exercise Psychiatry,2(4):153–156, 2023. https://doi.org/10.1024/2674-0052/a000060
9 Castro LHS, Libardi GB. Cancelamento: em busca de uma definição sociocultural. Signos Consumo, 16(1):e224647, 2024.
10 Doyle JP, Su Y, Kunkel T. Athlete branding via social media: examining the factors influencing consumer engagement on Instagram. Eur Sport Manag Q.,2:506-526, 2020.
11 Freud S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
12 Rubio K. Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006.
13 Han B-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes; 2015.
14 Dunker C. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo; 2015.
15 Safatle V. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica Editora; 2015.
16 Simões ALA, Bittar DB, Mattos ÉF, Sakai LA. A humanização do atendimento no contexto atual da saúde: uma reflexão. REME Rev Min Enferm; 11(1):85–89, 2007.
17 Rubio, K. e Melo, G. Além da personalidade: para um entendimento do papel social e da identidade do atleta. In Rúbio, K. e Camilo, JAO. Psicologia Social do Esporte. São Paulo: Ed. Laços, 2019.
18 Heidegger M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes; 2012
19 Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1987.
20 Sartre JP. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2005.
21 Smith, JM. Phenomenology in the bleachers: Heidegger and the truth of sport. Journal of the Philosophy of Sport, 46(1):82-97, 2019.
22 Frascareli LS. Ser atleta e desempenho esportivo: reflexões a partir da fenomenologia existencial [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia; 2021.
23 Foucault M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola; 2016.